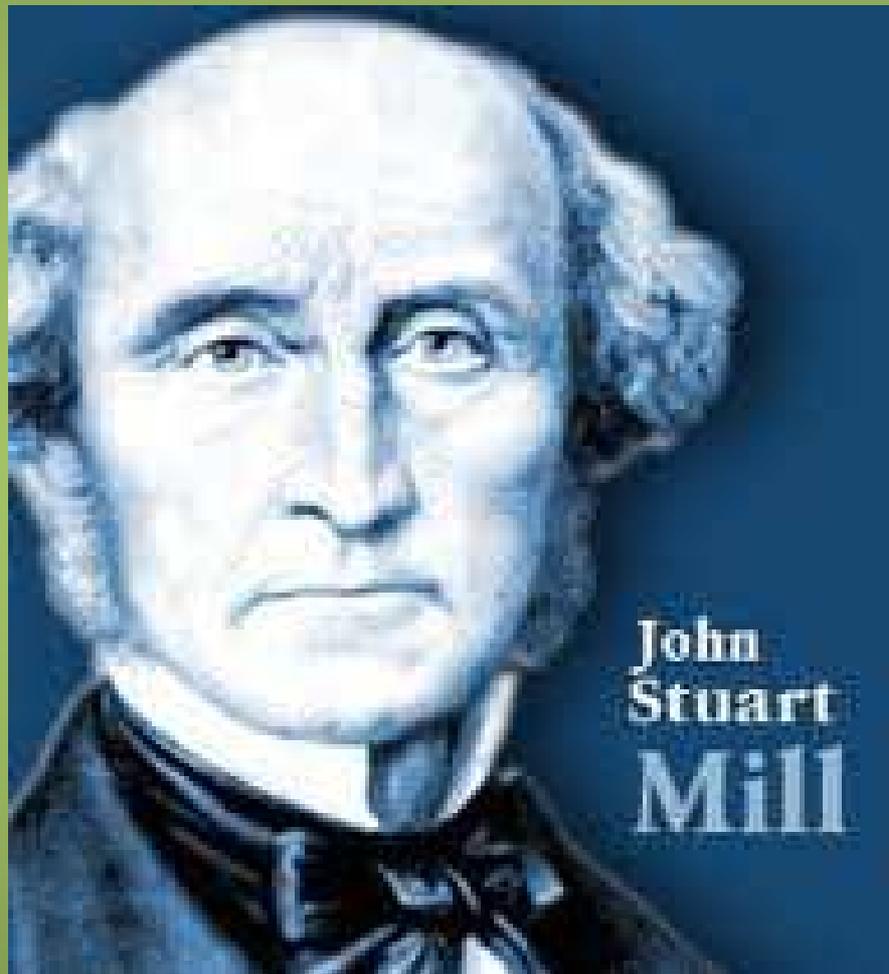


John Stuart Mill



Francisco Xavier Lores

Universidade de Santiago de Compostela

John Stuart Mill

Francisco Xavier Lores

Universidade de Santiago de Compostela

Publicado polo European Liberal Forum asbl, com o apoio da Asociación Galega pola Liberdade e a Democracia (galidem) e o Movimento Liberal Social (MLS).

Financiado polo Parlamento Europeo.

O Parlamento Europeu não é responsável pelo conteúdo da publicação. Os pontos de vista expressos na publicação são apenas dos respectivos autores e não reflectem necessariamente os pontos de vista do European Liberal Forum asbl.

copyright @ 2012 European Liberal Forum asbl, Bruxelas, Bélgica.

Esta publicação só pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida em qualquer formato ou por quaisquer meios, com a autorização prévia por escrito do editor. Quaisquer questões relacionadas com a reprodução fora destes termos devem ser enviadas ao European Liberal Forum. Uma cópia digital desta publicação poderá ser obtida gratuitamente em www.liberalforum.eu , www.galidem.eu ou www.liberal-social.org.

Para informações adicionais e distribuição:

galidem - Asociación Galega pola Liberdade e a Democracia

Rua do Bispo Lago 33,

E36700 Tui (Galiza), España

www.galidem.eu

galidem@galidem.eu

MLS - Movimento Liberal Social

Rua Ramalho Ortigão, 31, CV DTA

1070-228 Lisboa . Portugal

www.liberal-social.org

secretariado@liberal-social.org

Ficha Técnica:

Título: John Stuart Mill

Série: Unidades Didáticas sobre Liberalismo. II. Autores Liberais.

Autor: Francisco Xavier Lores

Editor: European Liberal Forum asbl

Capa: John Stuart Mill. Victorian Firebrand. Richard Reeves. Atlantic Books. 2007.

Tradução: Mauro Giménez Fernández

Impressão: *Faster Print*

Palavras-chave: John Stuart Mill, liberalismo, ciencia política, liberal, autores liberais, economía, pensamento liberal, capitalismo.

Índice

1.	John Stuart Mill: vida e obra	p. 1
	Para saber mais...	p.11
	Atividades	p.12

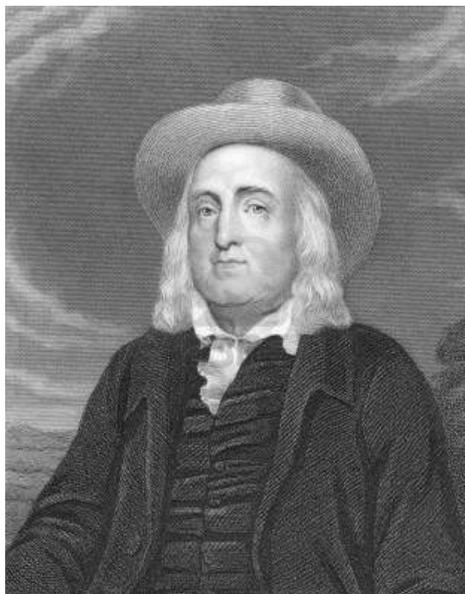
1

John Stuart Mill: vida e obra

Não é fácil encontrar pessoas cujo pensamento fosse bem certo na sua época, como centenas de anos depois. John Stuart Mill tinha razão sobre muitas coisas e na sua razão perdurou até aos nossos dias. Defendeu a igualdade completa entre os sexos. Não só o voto feminino se não a paridade absoluta. Também defendeu o direito de contraceção, foi preso quando tinha dezessete anos por ajudar aos pobres a obter contraceptivos. Defendeu o fim da escravidão e da igualdade entre todas as raças humanas. Reclamou julgamentos justos para os presos acusados de terrorismo. Argumentou a favor de dar aulas em árabe com a finalidade de não instigar o potencial radicalismo nas colónias britânicas. Mill foi um inimigo da intolerância e da superstição religiosa, e amigo da tolerância e do livre pensamento. O que não o impediu de destacar as virtudes éticas de Jesus de Nazaré. Tudo isso misturado com a firme convicção de que o motor da prosperidade é o livre mercado, mas ao mesmo tempo preocupado pelas desigualdades sociais.

A história de John Stuart Mill é a história de um homem guiado pela razão e a racionalidade para enfrentar os problemas que se enfrentam as sociedades. Mas também foi um homem profundamente humano que teve a sua própria dose de loucura e amor.

A infância de Mill foi estranha para a época. Nasce em 1806 fruto da união do intelectual escocês, James Mill, e uma mãe passiva e quase invisível. Seu pai decidiu submetê-lo a uma experiência educacional. Toda a sua educação foi dirigida pelo seu pai e o filósofo utilitarista Jeremy Bentham. O objetivo foi produzir uma mente com uma ampla capacidade. A vida do rapaz foi secundária. Este processo de aprendizagem faria dele um pequeno sábio desde os sete anos. Aprendeu grego aos três anos e latim aos cinco. Com doze já tinha estudado lógica e aos dezesseis já tinha lido a David Ricardo. No seu curriculum não houve espaço para a poesia nem para a música, apenas história, matemática, economia, os clássicos e a filosofia utilitarista benthamita.

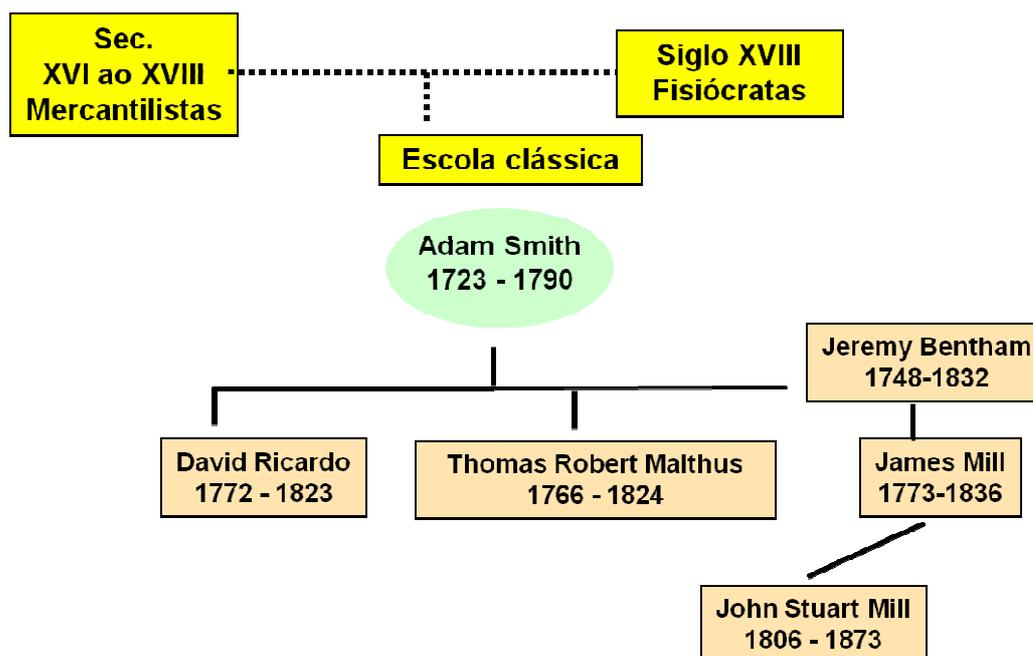


Jeremy Bentham (1748-1832).

O *utilitarismo* apresenta uma nova forma de conceitualizar a motivação humana das acções: as acções podem levar ao prazer ou ao dano, a felicidade ou a desgraça, e a acção correta é aquela que tem a maior felicidade possível para uma maior quantidade de pessoas. O utilitarismo fornece assim uma base intelectual para a construção da moderna teoria microeconómica. Além disso, permite um ponto de vista original sobre os direitos das pessoas. Não é verdade que temos direitos porque um “criador” nos prendeu deles, mas temos direitos porque é útil tê-los. Então, o utilitarismo harmonizou perfeitamente com racionalismo materialista que pode atribuir ao liberalismo e a mentalidade empresarial.

A idade de dezessete anos entra ao serviço da *East India Company*, a corporação privada que se ocupava na época de assuntos relacionados com a Índia. Mill permanecerá na sede central da companhia em Londres durante trinta e cinco anos, em que se dedicou a gerir os assuntos da Índia desde a metrópole. Foi um leal servidor do império britânico, mas também um servidor de mente aberta. Quando o governador da Índia quis recortar os fundos dedicados ao ensino do árabe e sânscrito nas escolas da Índia, Mill rebelou-se por medo de perder o contacto com as elites do país. Escreveu: «Sem conhecer a língua do povo, nunca conheceremos o seus pensamentos, os seus sentimentos e o seu carácter.»

Antes dos vinte anos, Mill já era um escritor popular nos jornais e revistas. Foi um dos principais



Esquema das influências intelectuais de Mill.

colunistas e o polemista mais eficaz na *Westminster Review*, fundada por Bentham em 1823 como contrapeso aos jornais conservadores. Para o jovem Mill «o jornalismo é à moderna Europa o que a oratória política foi em Atenas e Roma». Mas em vez de iniciar no jornalismo —onde estava o dinheiro— e depois se tornar um filósofo popular como muitos dos seus contemporâneos, Mill primeiro inicia-se na filosofia —onde estavam as ideias— e depois escreveu em jornais e revistas onde estava o combate. Desde as páginas de jornais e revistas combateu as ideias de David Hume que politicamente eram as de um conservador, o populismo de William Cobbett e da discriminação contra os católicos. No fundo sempre foram as ideias dos seus mentores, e ganhou a fama de «máquina de racionalidade» que tinham os benthamitas.

Mas todas as máquinas têm avarias e Mill também teve uma grande avaria. Em 1826 caiu numa profunda depressão e melancolia que durou dois anos. Com a sua habitual inteligência reconhece que o problema tinha a ver com a sua formação desenhada pelo seu pai. Dá-se conta de que tinha dedicado muito pouco tempo a coisas que também são importantes para viver. Que podia existir beleza nas coisas belas. Logo encetou a prestar atenção à música, à poesia ou às artes. Viaja para a Itália regularmente, visi-



A liberdade guiando o povo.

tando as igrejas em que pode ver pintura. O arte é o produto da imaginação e inspiração, muito afastado das preocupações centrais do liberalismo: acordos justos, processos transparentes, justiça, equidade e direitos individuais.

Talvez essa contraposição era motivadora para Mill porque quando em 1834 fundou um novo jornal, o *London Review*, um dos principais colunistas será alguém muito afastado do utilitarismo e do liberalismo de Mill: o escritor escocês ultra conservador Thomas Carlyle. Mill reverenciava a visão tão original de Carlyle, e este reconhecia em Mill a mente mais fina e precisa da sua época. Durante a década dos trinta de dar e receber entre Mill e Carlyle foi um dos motores mais criativos do pensamento inglês. Realizando assim na prática as vantagens da liberdade de expressão e de imprensa.

Mill também absorve porções da filosofia continental. Toma emprestado do filósofo romântico alemão Wilhelm von Humboldt o termo «self-development» (auto-desenvolvimento) que passará a substituir

ir o prazer utilitarista como objetivo na vida. Para o Mill da pós-depressão, uma boa vida é aquela em que um sai para o mundo a construir a melhor pessoa possível: viajando onde um quer, vendo tudo o que se poder, dizendo o que tenha que dizer, cantando as suas próprias canções e escutando o seus próprios poemas. Mill se transformará em um romântico e um epicurista. O seu liberalismo de maturidade adquiriu tinturas duma teoria da conduta livre justificada nos bons resultados. Hoje seria identificado como uma *pessoa de mente aberta*, é dizer, aberta a todos os prazeres da vida disfrutando deles com generosidade. Então, percebe-se que tinha passado largas temporadas na França.

Se o Mill novo já tinha certa admiração pela França, o Mill maduro declara-se abertamente francófilo, embora sempre condescendente com a França. Mill comprou uma pequena casa no sul da França, em Avignon. Ali viveu e escreveu os últimos anos da sua vida. A vida política da França achava muito irritante. O triunfo e posterior fracasso da revolução de 1848 foi um duro golpe para Mill. Após a esperança de que o liberalismo podia ganhar, finalmente, seguiu o autoritarismo e o feroz nacionalismo da mão do imperador Louis-Napoléon. «É uma nação de saloios que votam por Louis-Napoléon», chegou a dizer.

Mill tinha verdadeira aversão aos dogmas, inclusive os seus. A sua estratégia para argumentar perante muitos dogmas consistia em tomar a sério o dogma e ver até onde o levava o seu raciocínio lógico. Se alguém defendia que a prova da existência de Deus estava na própria natureza, Mill respondava perguntando que consequências teria de ser verdade, para concluir que tal criador teria que ser um inepto, limitado, bem intencionado mas incapaz. Mill era assim, tomava a sério o argumento sobre a existência de Deus, e levava até a suas últimas consequências. Quando o governador da Jamaica puniu cruelmente a um preso nativo, torturando até a morte, Mill lutou na Inglaterra criando um comitê para que o governador fosse julgado, não por má administração como foi processado, mas por assassinato. No Comitê formado para defender o governador estavam Dickens e o seu amigo Carlyle. Mill argumentava que os seus próprios direitos não tinham nenhum valor se as outras pessoas não tinham os mesmos direitos que ele. A sua amizade com Carlyle apenas fraqueou quando saía à tona o racismo do seu amigo escocês, Mill era um apaixonado abolicionista.



Harriet Taylor (1807-1858).

Mas de todas as causas pelas quais lutou Mill, a mais heróica foram os direitos das mulheres. Mill afirma que ele sempre foi feminista, mas há poucas dúvidas de que o motor do seu feminismo foi a sua amiga, amante, colaboradora e finalmente esposa, Harriet Taylor. Conheceram-se no verão de 1830 num jantar de amigos liberais na casa de Harriet e o seu marido John Taylor, com quem tinha dois filhos. Ela era inteligente e bonita e namoraram-se de seguida. Começaram a trabalhar juntos ao ponto de que, só um ano depois, alguém escreveu a Harriet perguntando por um trabalho sobre Byron: «Did you or Mill do it? »

Durante uma década Mill e Harriet viveram uma autêntica história de amor vitoriano, iam juntos a toda parte. Depois de anos de intriga, os Taylor decidiram uma separação. Harriet foi a Paris durante um tempo, e para testar o seu amor convida a Mill a passar seis semanas com ela em Paris. Porém, no final desse tempo Harriet decidiu permitir o marido ir a Paris quem também apresentou a sua «candidatura». Finalmente, Harriet decidiu que compartilharia e estabeleceu uma programação que alternaria entre a casa de John Taylor e a de Mill. Taylor teria pago as facturas e Mill cuidaria a adega de vinho. As fofocas sobre Mill, Harriet e Taylor inundavam Londres. Embora Mill negasse nas suas memórias ter mantido relações sexuais com Harriet antes do casamento, a correspondência entre eles sugere o contrário. Mill e



John Stuart Mill.

Harriet reuniam-se em segredo na gaiola do “velho amigo Rhino” no zoo de Londres, não sabemos se conheciam ou não as propriedades afrodisíacas do seu chifre.

Em *The Subjection of Women* (1869) Mill e Harriet não se contentam com mostrar que as mulheres serão mais felizes se elas são livres, mas procuram a origem do assunto e perguntam se há razões para pensar que alguma restrição sobre a liberdade das mulheres é justa. Os argumentos contra a liberdade das mulheres tinham a ver com o que é natural que façam as mulheres, ou com o que as mulheres são capazes de fazer, ou o que pode ofender um homem. Mill e Harriet analisam cada argumento para concluir que a única coisa racional é a nossa escravidão ao costume. Que as mulheres são passivas por natureza? Bem, ai tem a rainha Elizabeth. Que as mulheres estão concebidas para ter filhos? Nenhum argumento natural pode estar acima da ética da liberdade: se uma mulher quer criar filhos, perfeito, mas se não o desejar, não há razão para forçá-la a fazer. Mill apresenta o argumento uma e outra vez: não é possível saber que coisas são naturalmente boas para as mulheres, pois as suas chances são pequenas em relação ao tamanho da sua opressão. Alegando contra a ideia de que as mulheres não têm talento para as artes, Mill afirma que as mulheres o fazem tão bem como os homens atuando em um cenário, justamente numa arte para a qual as mulheres são tão incentivadas como os homens. Em qualquer caso, a natureza

não tem nada a dizer sobre o que deve ser feito. No seu ensaio sobre a natureza *Nature* (1854) escreve: «a natureza não pode ser um modelo apropriado para o imitar. Pois seria correto matar porque a natureza mata, torturar porque a natureza tortura, arruinar e devastar porque a natureza o faz, não devemos considerar o que é que faz a natureza mas o que é bom fazer.» Antes de Mill escrever sobre as mulheres, estas eram menosprezadas em todos os domínios, após os escritos de Mill será impossível evitar que se transformem em cidadãos.

O esposo de Harriet morreu em 1849 e, finalmente, Mill e Harriet puderam casar em 1851. Mas pouco durou a alegria, Harriet morreu sete anos e meio depois. No mesmo mês em que morreu Harriet, Mill envia a publicar o manuscrito final de «*On Liberty*». Nesse mesmo ano Darwin termina «*On The Origin of Species*» e seria publicado no ano seguinte; os dois livros converteram-se nos pilares do liberalismo da época.

A ideia que fundamenta a vida e o trabalho de John Stuart Mill é a liberdade individual. A imagem de uma sociedade ideal na que cada pessoa pode determinar o rumo da sua vida. Isso está muito longe do «vale tudo» do relativismo moral. Certamente, Mill considera que toda a gente deveria ser livre para viver como quiser, desde que não fira os outros. Mas no cerne do seu liberalismo acha-se uma visão do que é uma vida humana plena. Esta visão é claramente articulada e repetida nos seus trabalhos, e para ele este é o objectivo que cada indivíduo tem que procurar e que cada sociedade tem o dever de promover: a auto realização, a procura da verdade e a excelência em todos os âmbitos da vida, a paixão, o compromisso e a diversidade. Mill quer que sejamos livres, mas também que desfrutemos duma boa vida.

Para Mill o principal inimigo da liberdade individual são as atitudes da sociedade e não a lei. Mill argumenta que o despotismo das costumes pode ser uma ameaça maior para a liberdade que a tirania do estado. Mill, talvez pela sua própria experiência, temia os efeitos opressivos da opinião pública e louvou a excentricidade, o individualismo e as experiências no estilo de vida. Para Mill fazer algo simplesmente porque «é o que é preciso fazer» era como não escolher. Além disso, defendeu a liberdade de expressão.

A concorrência entre ideias opostas é imprescindível para se chegar a descobrir a verdade entre as «meias verdades» que as posições contrapostas contêm.

Mill foi um dos principais defensores da igualdade entre homens e mulheres. Foi o primeiro a reclamar legislação para conceder o voto às mulheres e foi o inspirador da *National Society for Women's Suffrage*. O seu apoio à causa dos direitos das mulheres provocou mais hostilidade do que qualquer outra posições. Mas Mill sempre levou o seu liberalismo até as últimas consequências. Para Mill, qualquer indivíduo deve ter as liberdades necessárias para construir a sua própria vida.

Assim como Tocqueville, Mill sempre mostrou reservas sobre a democracia. Desconfiava da tirania da maioria, especialmente das formadas por pessoas sem educação. Na sua obra é evidente que o voto universal era menos importante do que a liberdade universal. Mill sempre se opôs ao segredo no voto, pois o considerava essencial para ter uma verdadeira democracia, pensava que todo mundo deve estar preparado a tornar públicos os seus pontos de vista. Isto era idealista, mas guiado pelo ideal liberal.

Mill também enfrentou o socialismo. Opôs-se com dureza a centralização e o controle estatal da economia. Porém, foi um defensor do socialismo no sentido de defender a forma de propriedade comunal das empresas. Para Mill o melhor sistema económico é aquele que proporciona a maior quantidade de liberdade às pessoas. O valor das instituições económicas, políticas e sociais deve ser sempre medido em termos das suas qualidades libertadoras. Mill foi um liberal, um democrata e um socialista, por esse ordem.

Hoje o seu pensamento pode continuar orientando a forma de abordar os desafios que uma sociedade moderna enfrenta: nomeadamente, encontrar um equilíbrio entre liberdade individual e da acção coletiva; como desenhar instituições democráticas e cívicas que incentivem os cidadãos a ter opinião e a participar, como cultivar a coesão nacional e conviver com a diversidade; como integrar autoridade com promoção da crítica. A vida de Mill foi dedicada a melhorar a democracia liberal.

Quando em 1873 morre, a imprensa londrina louvou a sua figura e o seu pensamento. Os seus ad-

miradores da classe operária ajudaram a erigir uma estátua dele em Thames Embankment. Apesar de ser admirado por todos, Mill pediu para ser enterrado em uma pequena vila francesa, em Avignon, perto de Harriet o seu único amor. Finalmente, era tudo o que sabia.

Para saber mais...

- On Liberty and The Subjection of Women. Penguin Classics. (ISBN 0-141-44147-X)

<http://www.victorianweb.org/philosophy/mill/ten/contents.html>

ATIVIDADES

1. Qué é que representa maior risco para a liberdade segundo John Stuart Mill?:
 - a) O Estado
 - b) **As atitudes da sociedade**
 - c) As leis
 - d) Os governos.

2. Qual das seguintes noções é mais importante para John Stuart Mill?:
 - a) Sufrágio universal,
 - b) **Liberdade universal**
 - c) As leis
 - d) A natureza

